

## Israel e palestinos: sem paz à vista

Por mais de uma década, israelenses e palestinos discutiram a implementação e os boicotes de cada lado aos Acordos de Paz de Oslo, assinados entre 1993 e 1995, que pretendiam pacificar a região. Os israelenses acusam: os ataques suicidas contra civis atrapalharam o caminho para a paz e a criação do Estado Palestino. Os palestinos respondem: Israel faz terrorismo de Estado e, ao implementar os assentamentos judaicos em áreas palestinas, alimenta o extremismo.

Os debates sobre o futuro de uma das mais tensas regiões do mundo estão longe de terminar. Mas a possibilidade de novo acordo entre o governo de Israel e a Autoridade Palestina (AP), bem como a implementação consensual do Mapa da Estrada, sugerido pelos Estados Unidos (EUA) e apoiado pela Federação Russa, União Europeia e ONU em 2003, foi atropelada pelo plano de Ariel Sharon de retirar parte dos assentamentos judaicos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia.

O Plano de Sharon conta com forte resistência de dentro da própria coalizão direitista que ele lidera. Sharon prevê que não haja mais judeus na Faixa de Gaza até o fim de 2005.



Mas há dúvidas quanto ao alcance do plano aprovado pelo gabinete — e também quanto à possibilidade de Sharon se manter no cargo, uma vez que perdeu a maioria no Parlamento com a saída de grupos de extrema direita do governo. O Partido Trabalhista, contudo, anunciou que está disposto a evitar a queda do governo.

A Autoridade Palestina, que administra parte da Cisjordânia e a Faixa de Gaza, não tem sido consultada sobre o projeto. Embora não se oponham a ele — o que seria o

contrário do que vêm reivindicando desde 1967, quando Gaza e Cisjordânia foram ocupadas —, os palestinos temem que o plano de retirada de Gaza seja uma cortina de fumaça para consolidar os assentamentos na Cisjordânia (Sharon planeja desocupar apenas quatro) e manter a construção do muro de separação entre Israel e o território palestino (ver mapa na página 60). Oficialmente, o muro serviria para impedir a entrada de terroristas em Israel. Na prática, ele anexa áreas na Cisjordânia e torna inviável um Estado Palestino. Houve repúdio internacional ao muro.

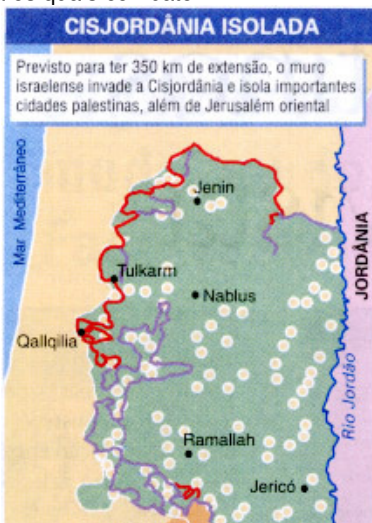
### Mortes seletivas

O Estado de Israel, sob as ordens e o aplauso de Sharon, provocou forte reação internacional no início de 2004 ao matar líderes de organizações radicais palestinas. Para seus críticos, Sharon promove o terrorismo de Estado — ou seja, tem o mesmo comportamento daqueles contra os quais combate.

Em março, um ataque com mísseis disparados de um helicóptero matou o xeque Ahmed Yassin, fundador do Hamas, grupo palestino que promove ataques terroristas contra israelenses, que se opõe a qualquer acordo com Israel. Yassin, tetraplégico, saía de uma mesquita. Sete pessoas que estavam próximas a ele morreram. Menos de um mês depois, um ataque semelhante levou à morte seu sucessor na liderança do grupo, Abdel Aziz Al-Rantissi.

### Mapa da Estrada

A saída de Israel da Faixa de Gaza é uma consequência da retomada das negociações entre israelenses e palestinos em junho de 2003, depois de 33 meses de confrontos (a 2ª Intifada), que resultaram em mais de 3 mil



mortes.

Sharon e o primeiro-ministro da AP, Mahmoud Abbas, assinaram um acordo provisório, sob o patrocínio do presidente George W. Bush, visando à criação de um Estado Palestino e à segurança de Israel.

Nas semanas seguintes, Israel interrompeu a instalação de colônias judaicas em Gaza e na Cisjordânia. Os palestinos conseguiram que o Hamas e a Jihad Islâmica suspendessem seus ataques. Pelo acordo, em 2005 uma conferência de paz determinaria as fronteiras definitivas do Estado Palestino e resolveria questões como a soberania sobre Jerusalém Oriental (parte árabe da cidade), o destino das colônias judaicas e o direito ao retorno para os palestinos que viviam no território de Israel.

Ainda que apoiado pelos EUA, ficou claro que Sharon teria de mostrar mais disposição para uma saída negociada que cedesse em alguns pontos aos palestinos. Por trás do empenho de Bush, há o interesse em melhorar a imagem norte-americana diante de governos e da opinião pública árabe, que sempre rejeitaram o apoio irrestrito dos EUA a Israel. Essa questão ficou ainda mais delicada após a guerra e a ocupação do Iraque.

O plano, contudo, não foi adiante. O líder palestino Yasser Arafat isolou Abbas, substituído ainda em 2003 por Ahmed Korei. Sharon negociava mais facilmente com Abbas. As tensões se ampliaram quando Israel anunciou o plano de manter mais assentamentos judaicos na Cisjordânia do que a AP considera aceitável. Em maio de 2004, Bush buscou encorajar Korei a voltar à mesa de negociações.

Korei é próximo de Arafat e fez parte da equipe de negociadores que, durante a gestão Clinton (1992-2000) nos EUA, fechou os Acordos de Oslo, entre Arafat e o primeiro-ministro Yitzhak Rabin, que resultaram no reconhecimento mútuo do direito à existência.

## Acordos de Oslo

O Acordo de Oslo, de 1993, criou a Autoridade Palestina (AP). Em 1994, o acordo de Oslo I determinou a primeira retirada das tropas israelenses dos territórios ocupados. Em 1993, o Acordo de Oslo II criou três áreas distintas na Cisjordânia. Uma delas, de pequena extensão, era onde se implantava a administração palestina plena. Essa era a área A. Depois havia áreas onde palestinos e israelenses compartilhassem a administração (área B). Por fim, em 70% da Cisjordânia, o domínio israelense continuava intacto (área C). Imaginava-se que com o tempo a área B virasse A e a área C se tornasse B, até o momento em que quase toda a Cisjordânia ficasse sob soberania da AP. O acordo provocou forte reação da extrema direita israelense. Em 1995, Rabin foi morto por um militante judeu indignado com a devolução dos territórios.

Inicialmente, imaginou-se que a morte de um líder tão importante afundasse os partidos de direita, acusados de fomentar a violência. Mas, após uma série de atentados terroristas do Hamas, o trabalhista Shimon Peres, personagem central das negociações de paz, perdeu as eleições de 1996 para o direitista Benjamin Netanyahu. Ele reiniciou a instalação de colônias na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental.

## Segunda Intifada

Em 1999, os trabalhistas voltaram ao poder com Ehud Barak. Barak, em nova rodada de negociações em Camp David, nos EUA, propôs aos palestinos o controle integral da Faixa de Gaza e de 90% da Cisjordânia. Mas se recusou a entregar Jerusalém Oriental, que os palestinos reivindicam como capital.

Em setembro de 2000, o general Ariel Sharon, membro do Likud (partido de direita), cercado por seguranças, entrou na Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém. O gesto simbólico afirmava a soberania israelense sobre um local sagrado para o islamismo. Milhares de muçulmanos saíram às ruas numa insurreição, que ganhou o nome de 2ª Intifada.

## Muro protetor

O levante palestino, com passeatas, ataques com pedras e ações de milicianos, enfraqueceu Barak, que não conseguiu conter a onda de violência. O premiê perdeu a maioria no Parlamento. Em fevereiro de 2001, Sharon, com um discurso contrário ao dos acordos de paz, tomou posse.



A vitória de Sharon provocou nova onda de radicalização entre os palestinos. As organizações extremistas passam a praticar atentados suicidas contra a população israelense. Em resposta, Sharon lançou a operação "Muro Protetor". Israel ocupou com tropas, tanques, blindados e

escavadeiras praticamente todas as cidades da Cisjordânia e responsabilizou Arafat pelos atentados cometidos por grupos radicais. O quartel general de Arafat em Ramallah é mantido sob cerco, em meio a protestos da União Europeia, mas com o apoio dos Estados Unidos. Ainda não há perspectivas de como promover a paz em toda a região da Palestina.